

**Trauma e exílio em *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado,  
e *Pedaço de santo*, de Godofredo de Oliveira Neto<sup>1</sup>**

**Trauma and exile in *Tropical sol da liberdade*, by Ana Maria Machado,  
and *Pedaço de santo*, by Godofredo de Oliveira Neto**

ZUZANA BURIANOVÁ<sup>2</sup>

**Resumo:** A finalidade do presente artigo é analisar a representação das vivências traumáticas relacionadas com a problemática do exílio e com a violência do Estado, durante a ditadura militar brasileira, nos romances *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado, e *Pedaço de santo* (1997), de Godofredo de Oliveira Neto. O artigo chama igualmente a atenção para as diferentes perspectivas que as narrativas apresentam em relação ao período ditatorial e à problemática da luta armada, devido ao momento histórico em que foram publicadas. A análise das obras apoia-se em estudos teóricos sobre o exílio (T. W. Adorno, E. W. Said e P. Freire) e sobre o trauma da tortura (M. Viñar e A. G. Martín).

**Palavras-chave:** Brasil; ditadura militar; trauma; exílio.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the representation of traumatic experiences related to the exile and the State violence, during the Brazilian military dictatorship, in the novels *Tropical sol da liberdade* (1988), by Ana Maria Machado, and *Pedaço de santo* (1997), by Godofredo de Oliveira Neto. The article also draws attention to the different perspectives that the novels present in relation to the dictatorial period and the problem of the armed struggle, due to the historical moment in which they were published. The analysis of the works is based on theoretical studies on exile (T. W. Adorno, E. W. Said and P. Freire) and on the trauma of torture (M. Viñar and A. G. Martín).

**Keywords:** Brazil; military dictatorship; trauma; exile.

---

<sup>1</sup> O artigo foi escrito no âmbito do apoio do Ministério da Educação tcheco à Universidade Palacký em Olomouc (IGA\_FF\_2022\_025).

<sup>2</sup> Faculdade de Letras, Universidade Palacký em Olomouc, República Tcheca. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3530-8473>.

*Falavam do exílio com dor de verdade exposta.*  
(Neto, 1997: 52)

## 1. Introdução

Na literatura brasileira que aborda o período da ditadura militar, o tema do exílio tem estado presente desde o Golpe Militar de 1964 até à atualidade.<sup>3</sup> O *boom* das narrativas com essa temática evidenciou-se, porém, sobretudo após a Anistia de 1979, que levou ao regresso de milhares de exilados ao Brasil. Entre eles, havia também escritores que posteriormente, com menor ou maior distanciamento temporal, transformaram a vivência do exílio em literatura, seja em forma de testemunho, seja como ficção. Ao segundo grupo pertenceram, entre outros, Ana Maria Machado e Godofredo de Oliveira Neto, que se exilaram durante os anos de chumbo em Paris, deixando-se inspirar por essa experiência nos seus romances *Tropical sol da liberdade* (1988) e *Pedaço de santo* (1997), respectivamente. Estas narrativas, caracterizadas por Eurídice Figueiredo como «romances sobre exílio e retorno ao país natal» (2017: 78) e publicadas já no período de redemocratização, têm em comum, além da temática do desterro, o fato de apresentarem sujeitos marcados por vivências traumáticas, através de uma escrita não linear, complexa, fragmentada. Será o objetivo deste estudo

analisar o modo como os dois romances retratam a problemática dos exilados, em associação à questão do trauma, tentando simultaneamente perceber se eles apresentam algumas divergências na abordagem do período ditatorial, devido ao diferente momento em que foram publicados.

## 2. *Tropical sol da liberdade*

O romance *Tropical sol da liberdade* (*TSL*), da escritora carioca Ana Maria Machado, foi lançado três anos depois do fim do regime militar, quando, após o florescimento da literatura autobiográfica e de testemunho, começaram a surgir novas estéticas e abordagens do período militar.<sup>4</sup> *TSL*, inserido por Regina Dalcastagnè ao lado dos romances que se dedicaram à «representação da esfera privada», simbolizada pela casa (1996: 113), adotou uma perspectiva que podemos chamar de «periférica». Primeiro, o romance oferece, ao contrário de uma grande parte da narrativa testemunhal, o olhar de alguém que não se engajou na luta armada, mas apoiou, indiretamente, os que militavam. Segundo, narra o passado ditatorial a partir da visão feminina, enfatizando o papel de mulheres comuns na resistência contra o regime. Terceiro, evoca os anos de chumbo pela perspectiva de alguém que teve que se exilar.

==

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, a trilogia *O lugar mais sombrio*, de Milton Hatoum (Companhia das Letras, São Paulo), da qual saíram, até o presente, dois volumes (*A noite da espera*, 2017, e *Pontos de fuga*, 2020).

<sup>4</sup> Aparecem obras escritas a partir da perspectiva das minorias sociais, por exemplo mulheres (*A voz submersa*, de Salim Miguel, 1984), negros ou homossexuais (*Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, 1985), algumas exploram procedimentos pós-modernos, etc.

A narrativa, com fortes traços autobiográficos,<sup>5</sup> conduzida em terceira pessoa pelo narrador onisciente, apresenta como protagonista Lena, uma jornalista que vem passar um tempo na casa da mãe, Amália. Lá, ela pretende descansar e refletir sobre os problemas que afetam a sua saúde, a capacidade criativa e o relacionamento amoroso. Durante a sua convivência, as duas mulheres recordam os momentos mais marcantes da época da ditadura e a militância do irmão de Lena, que, além de a ter levado ao exílio juntamente com o marido, teve um forte impacto na família.

O exílio é um dos temas mais salientes do romance, tendo-se tornado objeto frequente dos estudos literários a ele dedicados. A problemática do desterro por motivos políticos é explorada através das memórias da protagonista, que escreve uma peça de teatro inspirada na experiência do seu exílio parisiense. Recorrendo às cartas e anotações desse período, ela evoca não apenas as próprias vivências, mas também as de vários compatriotas e outros latinoamericanos que se exilaram na Europa durante a vigência de regimes ditatoriais nos seus países.

O romance oferece uma visão não idealizada do exílio, descrevendo-o como um deslocamento brutal «que não tinha nada a ver

com o de Gonçalves Dias, cantado no poema e incorporado ao hino» (Machado, 2005: 32). É verdade que o desterro da protagonista, comparado com o de outros compatriotas, não foi dos mais difíceis nem longos; durou apenas quatro anos e, como ela própria reconhece, foi um «afastamento voluntário, antes que tivesse que ser forçado e ilimitado» (Machado, 2005: 32). Mesmo assim, ela ficou fortemente marcada por essa experiência, que desestruturou a sua vida e originou uma série de problemas que ela enfrenta na atualidade.

Lena esforçou-se por enterrar as vivências do exílio no passado, como «uma profanação que ficara distante no tempo. Lá longe, doendo num cantinho empoeirado da alma, com uma enorme pedra em cima» (Machado, 2005: 32). O conteúdo psíquico recalçado, porém, irrompe inesperadamente no presente, sobretudo em momentos conflituosos, trazendo de novo «a angústia, a vontade de sumir, a necessidade de se proteger» (Machado, 2005: 40). As experiências traumáticas mal trabalhadas influenciam negativamente o seu estado de saúde.

Durante a escrita da peça teatral, Lena é obrigada a voltar através da memória ao período do exílio, por mais doloroso que esse processo seja. Os regressos à época parisiense não são nada pacíficos e desencadeiam crises emo-

---

<sup>5</sup> Ana Maria Machado é filha do jornalista e político Mário Martins, cujo mandato como senador foi cassado após o AI-5, e irmã do jornalista Franklin Martins, que participou, em setembro de 1969, do sequestro do embaixador norteamericano (sendo o principal idealizador do manifesto dos sequestradores apresentado na mídia), que levou à libertação de 15 prisioneiros políticos.

cionais: «Tudo isso doía. Fisicamente, mesmo. Um peso no peito, um aperto que sufocava» (Machado, 2005: 223). Contudo, enfrentar o passado mostra-se o único meio de combater os traumas, o que é confirmado por Amália, ao presenciar uma das crises emocionais da filha: «E além disso, a esta altura da vida já sabia também que às vezes a gente precisa mexer nessas coisas doídas e fazer estourar mesmo, não adianta passar o tempo todo fingindo que não dói ou que não há nada» (Machado, 2005: 239).

Ao leitor são gradualmente desvendadas as experiências traumáticas da protagonista, vividas no estrangeiro. Além dos típicos problemas da vida no exílio, tais como as saudades da pátria, as dificuldades financeiras ou a complicada realização profissional, o mais marcante foi sobretudo o aborto que Lena sofreu na época, assim como as decepcionantes relações com vários compatriotas, marcadas por inveja, avareza e maledicências. Na comunidade brasileira em Paris, Lena e o marido eram inclusive suspeitos de serem informantes da polícia secreta, só por não pertencerem, como os outros, a uma organização política. No ambiente dos exilados manifestaram-se as mesmas tensões ideológicas existentes no país de origem, talvez ainda com maior intensidade, como, segundo Theodor Adorno, costuma acontecer no desterro:

O isolamento agrava-se tanto mais quanto mais grupos sólidos e politicamente contro-

lados se constituem; desconfiado perante os adeptos e hostil com os já rotulados. [...] As relações entre os expatriados estão ainda mais envenenadas do que as vigentes entre os autóctones. (Adorno, 2001: 27)

Nas suas lembranças, a protagonista percorre uma série de casos de exilados latinoamericanos cujas experiências refletem maneiras diferentes de lidar com o desterro e de se adaptar à nova realidade. Na maioria dos casos, trata-se de vivências problemáticas, afetadas não apenas pela precariedade econômica, mas principalmente pela sensação de deslocamento e provisoriedade, a que Edward Said chamou de «um estado intermediário» (2005: 57): «Em geral, o que acontecia era viver num estado de inadequação permanente, não pertencendo ao mundo em volta e cada vez pertencendo menos ao país natal (ou morrendo de medo de que isso acontecesse)» (Machado, 2005: 185).

Chama-se a atenção para o fato de que a maioria dos exilados vivia, embora o desterro pudesse durar por anos, com a esperança de um regresso iminente: «Um dia eu conheci um velhinho espanhol que foi barra, uma fossa, com uma conversa de dizer que já está exilado há quase quarenta anos e passou os primeiros trinta dizendo que ia voltar no dia seguinte» (Machado, 2005: 190). A mesma observação encontramos, por exemplo, na reflexão de Paulo Freire sobre a experiência de expatiação:

Moram igualmente no alvoroço da alma a frustração da perda, os *slogans* medíocres dos assaltantes do poder, o desejo de um retorno imediato que leva um sem-número de exilados à recusa de qualquer gesto que sugira uma fixação na realidade de empréstimo, a do exílio. Conheci exilados que só a partir do quarto e do quinto anos de exílio começaram a comprar um ou outro móvel para suas casas. Era como se suas casas semivazias falassem com eloquência de sua lealdade à terra distante. (Freire, 1992: s.p)

Em *TSL* mostra-se que essa sensação de provisoriedade podia prolongar-se por um período indeterminado, causando graves perturbações psíquicas. Como exemplo extremo da inadequação do exilado ao novo ambiente, acompanhada por um profundo ressentimento<sup>6</sup> em relação aos não-exilados, serve o caso de Juan. Uruguaio que vivia há dez anos na Suécia, ele detestava tudo na terra que o adotou, mas não tinha mais coragem de voltar à sua terra natal, por ter todos os direitos garantidos na Europa. O seu destino era ficar na Europa, «reclamando e agredindo. Mas transplantado, impossível de ser sueco, incapaz de ser plenamente uruguaio outra vez» (Machado, 2005: 177). O seu caso também lembra o que Said chamou de «condição ciumenta» (2005: 55) dos exilados, que se manifesta por uma solidariedade exaltada de grupo e animosidade perante os que não pertencem a ele.

A esmagadora maioria dos exilados, mencionados no romance, nunca conseguiu livrar-se dos sentimentos de nostalgia e saudade, nunca deixou de sentir um vínculo emocional com o país de origem, sendo isso essencial para a sua sobrevivência:

Desterrar-se não é só ser cortado da terra e ficar sem ar. É também carregar o fogo no peito. Uma brasa adormecida e abafada, que teima em não se apagar e a gente insiste em soprar escondido, no silêncio de quando a noite cai e os outros adormecem, para manter mesmo bem viva e queimando por dentro, porque sem ela a gente morre. (Machado, 2005: 176)

Contudo, no romance encontramos também vozes que tentam lutar contra a sensação trágica da vida, que acompanha os exilados. A esse grupo pertence Cecília, que começa a preparar festinhas brasileiras para filhos dos conterrâneos em Paris, após se aperceber da frustração das crianças por viverem em uma atmosfera de tristeza e escassez de bens materiais. Outro exemplo é da boliviana Alda, que faz um discurso emotivo em uma mesa-redonda criticando os artistas da América Latina por mostrarem, em nome da solidariedade, apenas os lados negativos dos seus países. Ela apela para que eles não se esqueçam da alegria de viver, tão típica dos latinoamericanos, e que criem uma arte que suscite «a

---

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, o estudo de Vargas e Umbach (2012).

admiração e o prazer estético» (Machado, 2005: 181).

Os casos menos dramáticos em relação à sensação de desenraizamento dos exilados são poucos. Trata-se, por exemplo, do casal Aria e Antônio, amigos de Lena, que, apesar das saudades do Brasil, decidiram ficar na Itália, por terem lá toda a família estabelecida. De acordo com Said, que faz uma distinção entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados, poderíamos dizer que esse casal passou de exilado a expatriado. Ao contrário do exilado, cuja condição sempre pressupõe banimento, o expatriado, embora possa sofrer da mesma solidão, vive em outro país voluntariamente, por motivos pessoais ou sociais (Said, 2003: 54).

Outro exemplo de alienação em relação à terra natal, e neste caso radical, é representado por Sebastiana: brasileira que vivia na Alemanha já com outro nome, ela saíra do Brasil após ter sido presa e torturada por ser namorada de um militante e por ser rejeitada pela própria família (Machado, 2005: 184-185). O seu caso mostra que a situação dos exilados políticos pode ser ainda mais problemática devido a possíveis traumas vivenciados em consequência da repressão do Estado.

Embora a protagonista do romance alegue não ser o seu objetivo abordar a questão da tortura, sobre a qual muita coisa já foi escrita (Machado, 2005: 138), ela não pode evitar por completo o tema, que se tornou essencial na

literatura sobre a ditadura militar. O motivo da tortura aparece, aliás, nas primeiras páginas do livro, quando se descreve uma discussão da protagonista com um colega de trabalho que mantém laços de amizade com um torturador (Machado, 2005, p. 45-48).

O assunto da tortura ressurge nas passagens dedicadas aos exilados. Nos rascunhos da peça que Lena escreve, aparece uma personagem que sofre de graves transtornos, após ter sido torturada no Brasil pelo delegado Sérgio Fleury, cuja imagem a continua a perseguir até nas ruas de Paris. A autora mostra que o trauma da tortura nunca é completamente enterrado no passado; tendo desestruturado a própria identidade da pessoa, pode provocar nela uma angústia que a acompanha pelo resto da vida.

Como afirma o psicólogo argentino Alfredo Guillermo Martín, baseando-se na própria experiência clínica com as vítimas de tortura, «as sequelas psicológicas são graves e permanentes, com tendência ao agravamento na velhice» (2005: s.p). Os transtornos mentais causados pela tortura não raramente levam ao suicídio. Segundo Martín, nas vítimas de tortura «o índice de psicoses é 5 vezes mais elevado que na população normal; [...] a taxa de suicídios é de 16 a 23% mais elevada» (2005: s.p).

Em *TSL* são também mencionados casos de morte voluntária entre os exilados. Neles fi-

gura o caso mais conhecido, o do padre dominicano frei Tito de Alencar Lima (1945-1974), que, após ter sido torturado pelo delegado Fleury, suicidou-se no exílio parisiense (Machado, 2005: 137).

Martín chama a atenção para o fato de que a recuperação das vítimas de tortura pode ser ainda mais problemática quando os torturadores ficam impunes e até permanecem nas estruturas do poder:

entre os efeitos perversos e re-traumatizantes da impunidade, podemos acrescentar os encontros aleatórios das vítimas com os seus torturadores na rua, no supermercado, etc., várias vezes denunciados, assim como as descobertas tardias de cemitérios clandestinos, tudo isso reabrindo as velhas feridas. (Martín, 2005: s.p)

Isso, infelizmente, aconteceu também no Brasil, como a autora lembra: «a passagem a democracia se fazia em obediência a certas condições tácitas. Nenhum torturador foi punido. Nenhum atentado de direita foi publicamente apurado. [...] Os responsáveis continuavam impunes. Até hoje.» (Machado, 2005: 163).

Na evocação das suas conversas com vários exilados latinoamericanos, a protagonista refere os problemas que eles enfrentaram não apenas no exílio, mas também após o regresso à pátria. Fala sobre a frequente hostilidade dos que ficaram no país perante os que se exilaram e, eventualmente, alcançaram sucesso

no estrangeiro, menciona disputas e antagonismos entre as organizações que lutaram contra o regime:

A censura, o autoritarismo e a intolerância da ditadura trouxeram também mais essa dor: acabaram muitas vezes sendo incorporados pelos próprios militantes que a combatiam, mas repetiam seus modelos para cima dos companheiros. Exilados ou não. (Machado, 2005: 178)

Outro fenômeno frequentemente vivenciado por exilados políticos é o sentimento de culpa, que eles podem sentir no exílio ou depois do regresso. A culpa costuma associar-se à síndrome do sobrevivente, experimentada por pessoas que sobreviveram, ao contrário dos seus próximos que não tiveram tanta sorte, a grandes tragédias. O médico e psicanalista uruguaio Marcelo Viñar descreve esse sentimento pelo seguinte:

quando se é um exilado político, há toda a angústia de ter se salvado, o que é todo um momento de felicidade, mas leva a pensar nos companheiros que ficaram na prisão, que ficaram mortos, machucados. Então, é como se fosse a culpa do sobrevivente: eu me salvei, mas deixo para trás os que não puderam se salvar. Às vezes, esse pode ser um peso muito grande. (Viñar, 2014: 152)

No romance de Ana Maria Machado, o motivo de culpa não é trabalhado explicitamente, mas encontramos alusões a ele. A mais nítida

ocorre no momento em que a protagonista reconhece que o exílio, apesar de representar uma etapa dolorosa na sua vida, salvou-a de ser «sugada diretamente da periferia para o centro» (Machado, 2005: 41), como aconteceu a muitas outras pessoas que não tiveram essa opção e foram obrigadas a ficar. Sentimos, também, que todo o romance, apesar dos raios de esperança que emite em relação ao futuro, é percorrido pela dolorosa atmosfera de perdas, culpas e frustrações, que marcaram a época do regime militar e deixaram cicatrizes indeléveis na sociedade brasileira.

### **3. *Pedacço de santo***

O romance *Pedacço de santo (PS)*, do escritor catarinense Godofredo de Oliveira Neto, saiu no final da década de 90, quando se evidenciava um declínio das obras que tematizavam o período do regime militar. Em 2011, o livro foi relançado com o título *Amores exilados*, que, como aponta na sua análise da obra José Luís Jobim, corresponde melhor ao seu conteúdo (2022: 130). Nessa época – e sobretudo desde o cinquentenário do Golpe Militar –, o interesse dos ficcionistas pela temática da ditadura aumentara (Perlatto, 2017), passando por um novo *boom* depois das investigações realizadas pela Comissão Nacional da Verdade (2012-2014).

O romance narra a história de dois brasileiros exilados em Paris durante os anos de chumbo, o catarinense Fábio e o baiano Lázaro, membros de uma organização militante cuja célula pa-

risiense tenta continuar a apoiar a luta contra a ditadura no Brasil. Ambos se tinham engajado na guerrilha urbana ainda na faculdade, participando de expropriações bancárias, durante as quais morreram pessoas. Fábio, após um malogrado assalto a um banco em que matou um homem, foi preso e torturado. Ele conseguiu, porém, escapar da prisão e fugir do país. Lázaro decidiu exilar-se voluntariamente, no momento em que a repressão endurecia. A descrição da vida deles em Paris centra-se nas reuniões da organização e, sobretudo, no seu envolvimento amoroso com a francesa Muriel, que, após um namoro com Lázaro, começa a viver com Fábio. No final, os dois militantes são enviados pela organização ao Brasil para realizarem mais uma expropriação bancária. Esta é bem-sucedida, mas Lázaro é preso durante uma confusão na rua, sendo, como negro, acusado de participar de outro assalto. Apesar de Fábio sair ileso da ação, perseguido pelo sentimento de culpa pela prisão do amigo e enfrentando uma falta absoluta de perspectivas na vida após o rompimento com Muriel, acaba por cometer suicídio.

A narração em terceira pessoa apresenta frequentes passagens introspectivas e diálogos das personagens, sendo marcada também por constantes *flashbacks*, nos quais transparece a identidade problemática dos exilados, sobretudo de Fábio. O autor menciona toda a escala de sensações que um desterrado experimenta fora do seu país. Às mais fortes pertence a solidão, que pode levar pessoas a procurarem

companhias incompatíveis ou a agarrarem-se de um modo possessivo aos mais próximos. Muitos dos exilados políticos também enfrentam a insegurança, pois nem todos têm a sua estada na França legalizada. O próprio Lázaro, por exemplo, ao contrário de Fábio, está em Paris clandestinamente.

Mostra-se que, em relação ao país de origem, os exilados tendem a oscilar entre dois extremos: ou guardam da pátria uma imagem idealizada, cheia de nostalgia, ou nutrem um fervoroso entusiasmo pelo país de imigração:

A solidão em alguns, a estranha alegria em outros, a angústia na maioria. O universo dos exilados era esse. A insegurança psicológica ou levava a abraçar com exagerado ardor o país do exílio ou a abominá-lo. «Na França, graças à arte e às lutas do povo através do tempo, existe um humanismo que faz deste país o berço da tolerância.» «Eu não acho, se assim fosse, o povo não teria essa frieza toda e esse mau humor. O povo brasileiro é muito mais tolerante e caloroso». (Neto, 1997: 51)

Em geral, porém, embora o Brasil seja associado à ditadura que os obrigou a fugir, os exilados se recusam a transmitir uma visão negativa do país: «Nenhum dos exilados brasileiros, no entanto, queria ser Embaixador da Desgraça. Gostavam de passar, ao contrário, uma imagem positiva do país, separando Estado/nação de governo» (Neto, 1997: 52).

Tal como em *TSL*, a comunidade brasileira em Paris é retratada no romance de Oliveira Neto como um microcosmo que representa o próprio Brasil, também em termos políticos. Apesar de a maioria dos brasileiros – sobretudo os estudantes que passaram pela universidade em Paris, onde «tudo era progressista» (Neto, 1997: 37) – simpatizar com as ideias de esquerda, aparecem também representantes de outros grupos ideológicos que suscitam desconfiança no meio dos militantes. Um exemplo é Ana Letícia, filha de um assessor do adido militar, que se «orgulhava da proximidade com o poder no Brasil e de possuir informações de cocheira» (Neto, 1997: 38). Contudo, a desconfiança reina também na própria organização, manifestando-se principalmente na atitude dos novos líderes, Sarinha e Alex, perante Fábio e Lázaro, que são acusados de alienação política:

Esse cara, o Lázaro, por exemplo, é o protótipo do alienado babaca, não sei o que fez no Brasil, o Fábio deve ser parecido. Se alguém contasse que dois sujeitos como eles são militantes de uma organização de extrema esquerda ninguém acreditaria; só se fossem personagens de um romance. (Neto, 1997: 110)

Os brasileiros residentes em Paris provêm de várias partes do país e de diferentes contextos sociais e culturais. Longe da sua pátria e dos elementos construtores da sua identidade, eles sentem uma necessidade de definir os traços identitários que os distinguem das

outras nacionalidades. As frequentes discussões sobre a questão da identidade, na comunidade brasileira, giram ao redor das diferenças culturais entre o Norte e o Sul, repetindo-se nelas, de forma até caricata, alguns mitos e estereótipos vigentes na sociedade brasileira. A «autêntica» identidade brasileira é buscada no futebol, na culinária, na história, no folclore ou na religião: «Ô Catarina! o meu Vitória foi campeão baiano do ano passado, tem time de futebol em Florianópolis? [...] O Sul não é Brasil não; teve Lampião e Maria lá? Tem baião-de-dois e xaxado? Não? Então!» (Neto, 2011: 12).

Na definição da «verdadeira brasilidade» torna-se extremamente importante a aparência física. Por causa dela, Fábio, oriundo de Santa Catarina, é, pelo seu aspecto exterior, considerado um brasileiro pouco típico: «Você tem cara de italiano do Norte, ou austríaco, Fábio, esse cabelo castanho claro, liso até os ombros, olhos azuis, rosto fino, cara de Cristo tirolês, pode crer, não parece brasileiro, nego véio! Eu e o Lázaro, sim» (Neto, 2011: 12). Ao contrário dele, o baiano Lázaro, que por causa da cor da sua pele e do seu poder sedutor era durante os estudos apelidado de «Doce Caramelo», é visto em Paris como a encarnação da alma brasileira, sendo a Bahia considerada o verdadeiro coração do Brasil.

Na memória de Fábio, o Brasil emerge de forma ambivalente. Por um lado, aparece em imagens positivas – nas recordações da sua

infância ou na descrição dos acontecimentos familiares, narrados pela mãe nas cartas. Essas imagens, porém, alternam nas lembranças com cenas traumatizantes. O primeiro grande abalo que Fábio sofreu foi causado pela morte da sua namorada Elke, assassinada pela polícia durante uma manifestação estudantil em Florianópolis. A seguir, tratou-se do assalto ao banco no Brasil, durante o qual Fábio matou uma pessoa, sofrendo a partir daí de um forte sentimento de culpa:

Da ansiedade, da dúvida e das lembranças vinham a insegurança e a depressão. Sempre. Um assassino. O pai só ia poder ter vergonha de um filho assassino. [...] ...queria um Brasil mais justo e me tornei um assassino, mãe, assassino, foi sem querer mas atirei, mãe, atirei, entende? (Neto, 1997: 42-43)

Em consequência da expropriação, morreram outros companheiros da sua organização, que foram presos e barbaramente torturados. Por fim, Fábio é constantemente perseguido pelas recordações da tortura sofrida por ele próprio durante a detenção, assim como pelas lembranças da sua penosa fuga da prisão.

As evocações dos traumas vividos, relacionados à violência cometida tanto pelas forças de repressão quanto pelos guerrilheiros, tornam-se um *leit-motiv* que permeia toda a narrativa e alude ao seu desenlace trágico. Fábio é uma pessoa fortemente marcada pelos acontecimentos trágicos do passado.

Embora ele se tenha esforçado por reconstruir a sua vida em Paris, ele não consegue fugir do passado. Os traumas vividos afetam o seu sono, marcado por «pesadelos, sofrimentos, suores» (Neto, 1997: 58), e ele experimenta, no sentido freudiano, a compulsão à repetição, que se manifesta na tendência para um comportamento agressivo e autodestrutivo. Este irrompe, sobretudo, em situações de crise nos seus relacionamentos com mulheres. Manifesta-se, pela primeira vez, com Ana Leticia, após ela ter rejeitado ter um contacto sexual com ele durante uma festa. A seguir, explode na sua relação com Muriel: as suas crises de desconfiança e ciúmes quase paranóicos aumentam e levam-no a agredi-la fisicamente, com excessiva brutalidade. Sendo abandonado pela namorada, o estado emocional de Fábio vai-se agravando e, finalmente, após a detenção de Lázaro, pela qual se sente culpado, leva-o ao seu próprio aniquilamento. Usando palavras de Ana Maria Machado, o destino deste personagem confirma casos nos quais «o torturador não abandonara a vítima» (2005: 137), fazendo com que ela se transformasse também em agressor.

Por sua vez, Lázaro, negro de origem pobre, que fora adotado por uma família e passara uma grande parte da infância nas ruas de Salvador, vê-se como vítima de racismo, tanto no Brasil quanto na França. Apesar de sempre admirado e acompanhado por mulheres, ele luta com a sensação de solidão, abandono e perigo, como transparece do seu desequilíbrio

emocional durante o velório de um militante em Paris:

– Eu vou ser preso, porra, eu vou ser preso! E ninguém aqui vai se preocupar com isso, eu sei muito bem. Aqui só tem branco ou mulato com alma de branco. Eu sou negro! Eu sou negro! A polícia daqui só pede documentos no metrô pra mim, pra vocês nunca! Vocês são tudo um bando de filhos da puta, tudo ri-quinho. (Neto, 1997: 90)

Os dois personagens principais, Fábio e Lázaro, vivem no exílio divididos entre o engajamento político, ou seja, o compromisso com a luta armada, e a vontade de abandonarem a organização e dedicarem-se à vida privada. Este dilema torna-se ainda mais agudo devido ao momento histórico, marcado por uma crescente repressão e quedas de companheiros no Brasil, assim como pela derrota de forças democráticas em outros países latinoamericanos, tal como Uruguai e Chile, em 1973, o que leva a uma nova onda de exilados na Europa. A esquerda internacional experimentava, nessa época, uma crescente desilusão; desmoralizada pela burocracia e terrores stalinistas, passava pelo processo de questionamento e tentativas de redefinição dos seus objetivos.

O autor insere no romance, em vários momentos, a perspectiva auto-crítica sobre a estratégia da luta armada. Questiona o uso da violência, a falta do contacto da guerrilha urbana com setores operários e camponeses no Brasil ou o fraco apoio da luta armada pela

classe média. Simultaneamente, porém, sublinha a dificuldade de abandonar uma organização armada. A liberdade de sair é apenas teórica: a pressão dos outros companheiros, a sensação do dever e o respeito aos camaradas mortos, podem ser mais fortes do que a necessidade de seguir um caminho pessoal. A ambivalência das posições fica evidente no diálogo seguinte:

– Fazer auto-crítica não é fácil, Lázaro, mexe com as tripas de qualquer um. A gente tem a impressão de estar ferindo e desrespeitando a honra e a alma dos que morreram pela causa.

[...]

– Ao contrário, Fábio, ao contrário. A gente vai se aperfeiçoando graças à história deles. É até uma maneira de homenagear os que merecem ser homenageados. Mas alguns, sinceramente, não merecem homenagens, Fábio, não merecem. (Neto, 1997: 204-205)

Fora do país, a ideia da revolução e da luta armada toma, às vezes, contornos quase surreais. Os encontros dos militantes não raramente se transformam em conversas de banalidades, ou são preenchidos por longas e estéreis discussões políticas, conforme observa Fábio:

Já pensei mil vezes em largar tudo e ter uma vida de família com Muriel. Acho que a vida é isso, e a gente, de otário, passa ao largo. E vive artificialmente. Usa a língua convencionalmente. Já nem se consegue construir direito uma frase correspondendo exatamente ao

pensamento. Os nossos diálogos, por exemplo, Lázaro, principalmente quando tratam de assunto político, paracem falsos. Pode prestar atenção. É tudo meio decorado. Estou de saco cheio de representação. E farto de viver numa lapa. (Neto, 1997: 60)

Concentrando-se, frequentemente, no ambiente das reuniões da organização parisiense, o autor capta os principais temas que eram debatidos na época, transmite a retórica dos militantes e, por meio de uma ironia sutil, desmascara as falácias e os mitos da ideologia revolucionária.

#### 4. Considerações finais

Os romances analisados de Ana Maria Machado e Godofredo de Oliveira Neto, tal como a maioria das narrativas modernas sobre o exílio, retratam o desterro sem qualquer glorificação e lirismo. Nas palavras de Said, na literatura do século passado, que ele define como «a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa» (2003: 47), o exílio é quase sempre associado à perda e ao sofrimento:

Na escala do século XX, o exílio não é compreensível nem do ponto de vista estético, nem do ponto de vista humanista: na melhor das hipóteses, a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão; mas pensar que o exílio é benéfico para essa literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que as sofrem, a mudez com que responde a qualquer

tentativa de compreendê-lo como «bom para nós». (Said, 2003: 47)

Vimos que, em *Tropical sol da liberdade* e *Pedaço de santo*, o desterro por motivos políticos é descrito como, por um lado, uma vivência de necessidade existencial, que pode salvar a própria vida, mas simultaneamente como uma experiência dolorosa, emocionalmente alienante e desestabilizadora. Os traumas vividos no país de origem, em decorrência da repressão do Estado, tais como cerceamento das liberdades, perseguições, torturas e mortes dos próximos, são pelos exilados levados consigo e, embora recalcados, irrompem em situações conflituosas com força inesperada. Do mesmo modo, as vivências traumáticas experimentadas durante o desterro dificultam o processo de reestabelecer a vida após o retorno ao país natal.

Coincidindo na visão do exílio, as duas obras, porém, divergem até certo ponto na imagem do período ditatorial como tal, assim como na abordagem da resistência armada. O romance de Ana Maria Machado apresenta a ditadura como um período ainda inacabado, não apenas pela razão de ser publicado pouco depois do fim do regime militar. Também a constante tendência da protagonista de buscar nas vivências passadas a chave para os problemas atuais, tanto a nível pessoal quanto

em relação à sociedade brasileira, é nesse sentido simbólico. A autora oferece no livro uma complexa visão crítica sobre a sociedade pós-ditatorial, apontando para os problemas que o país continuava a enfrentar em diversas esferas, tal como na política, na economia ou na ecologia, e mostrando as dificuldades do processo de regresso do Brasil à democracia. No que se refere à questão da resistência contra a ditadura, embora o romance apresente a perspectiva das pessoas que não se engajaram diretamente na luta armada, optando por meios de resistência não violentos, a guerrilha em si não se torna alvo de críticas abertas.

*Pedaço de santo*, apesar de a sua ação decorrer durante os anos de chumbo, parece sugerir a ideia de que a ditadura pertence já ao passado.<sup>7</sup> No fim do romance há uma nota em que o narrador desloca o leitor para fins dos anos 90, informando-o sobre a vida de Lázaro após a saída da prisão: ele casou, criou família e está escrevendo uma história da organização miliante da qual foi membro. Essa perspectiva reflete, até certo ponto, a atmosfera do momento histórico em que o livro foi publicado, quando a sociedade brasileira, no final da década de 90, vivia em outro clima e enfrentava outros problemas, sobretudo de cunho econômico e social. Ao mesmo tempo, de acordo com o discurso autocrítico que não era incomum dentro das organizações militantes, a partir da

==

<sup>7</sup> A esse respeito, ver, por exemplo, a tese de Frederico (2017).

derrota da guerrilha urbana e rural no Brasil, o romance questiona as utopias revolucionárias da época e a estratégia da luta armada. Podemos dizer que, devido à sua nota cética e ao desfecho trágico, a narrativa de Oliveira Neto se aproxima de algumas obras publicadas no período entre 1969 e 1974, que Renato Franco chamou da «cultura da derrota» (1998: 72).<sup>8</sup> Contudo, independentemente das críticas, o romance não deixa de destacar o idealismo e a determinação dos militantes de lutarem por um país mais justo, apesar de saberem que se tratava de um caminho muitas vezes sem volta, conforme expresso nas palavras seguintes: «vocês que vão emergir da onda em que nós nos afogamos, pensem em nós com indulgência» (Neto, 1997: 52).

## Bibliografia

### Impressa

- Adorno, T.W. (2001). *Minima moralia: Reflexões a partir da vida danificada*. (Trad. de A. Morão). Edições 70. Lisboa;
- Dalcastagnè, R. (1996). *O espaço da dor: O regime de 64 no romance brasileiro*. Editora Universidade de Brasília. Brasília;
- Figueiredo, E. (2017). *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. 7 Letras. Rio de Janeiro;
- Franco, R. (1998). *Itinerário político do romance pós-64: A festa*. Fundação Editora da UNESP. São Paulo;
- Machado, A.M. (2005). *Tropical sol da liberdade*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro;

Neto, G.O. (1997). *Pedaço de santo*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro;

Neto, G.O. (2011). *Amores exilados*. Record. Rio de Janeiro;

Said, E.W. (2003). Reflexões sobre o exílio. Em: E.W. Said. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. (Trad. de P. M. Soares). Companhia das Letras. São Paulo;

Said, E.W. (2005). *Representações do intelectual: As Conferências Reith de 1993*. (Trad. de M. Hatoum). Companhia das Letras. São Paulo.

### Digital

Frederico, G.M. (2017). *Ausências e silêncios: A ética nas narrativas recentes sobre a ditadura brasileira*. Tese de Mestrado em Literatura. Universidade de Brasília. Brasília. 105 pp. Acedido em 30 de junho de 2022, em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24186/1/2017\\_GrazieleMeire-Frederico.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24186/1/2017_GrazieleMeire-Frederico.pdf);

Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra. São Paulo. Acedido em 30 de junho de 2022, em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2021/11/paulo-freire-pedagogia-da-esperanca.pdf>;

Jobim, J.L. (2020). Migrações políticas nas narrativas de Milton Hatoum e Godofredo de Oliveira Neto. *Araticum*, **21** (1): 122-143. Acedido em 30 de junho de 2022, em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/download/2734/2701>;

Martín, A.G. (2005). As seqüelas psicológicas da tortura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, **25** (3): 434-449. Acedido em 30 de junho de 2022, em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v25n3/v25n3a08.pdf>;

---

<sup>8</sup> «Trata-se de algumas (poucas) obras que, por seus temas e procedimentos, parecem ter introjetado a convicção de que a resistência armada ao regime militar e a adesão, por grande parte da esquerda, à guerrilha ou estavam destinadas ao massacre ou eram politicamente inconsequentes» (Franco, 1998: 72-73).

Perlatto, F. (2017). História, literatura e a ditadura brasileira: Historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do Golpe de 1964. *Estudos Históricos*, **30** (62): 721-740. Acedido em 30 de junho de 2022, em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/69138>;

Vargas, A.Q. de e Umbach, R. (2013). O ressentimento dos exilados em *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado: Uma questão sensível. *Estação Literária*, **10B**: 81-97. Acedido

em 30 de junho de 2022, em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25761/18756>;

Viñar, M. (2014). Falar da tortura não é falar do torturado e da vítima, é falar da sociedade que é capaz de torturar. Entrevista a A. F. Junior em 21/08/2008. *Olho d'Água*, **6** (1): 142-156. Acedido em 30 de junho de 2022, em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/255/238>.